

Grandes Coros de Ópera

VINCENZO BELLINI
GIUSEPPE VERDI
ALFREDO KEIL
RICHARD WAGNER
GAETANO DONIZETTI
GEORGES BIZET
ALEXANDER BORODIN

© BRUNO SIMÃO

13 OUT · 17H

Lisboa · Coliseu dos Recreios

24 OUT · 19H

Caldas da Rainha · Centro Cultural e de Congressos

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
Teatro Nacional de São Carlos

Grandes Coros de Ópera

Vincenzo Bellini (1801-1835)

La straniera «Voga, voga, il vento tace...»

Giuseppe Verdi (1813-1901)

Nabucco «Gli arredi festivi»

Ernani «Si ridesti il Leon di Castiglia»

Alfredo Keil (1850-1907)

Serrana «Coro das fiandeiras»

Serrana «Nascida no meio da Serra»

Richard Wagner (1813-1883)

Der fliegende Holländer: Abertura

Tannhäuser «Freudig begrüßen wir»

Giuseppe Verdi (1813-1901)

Macbeth «Patria oppressa»

Otello «Fuoco di gioia»

Gaetano Donizetti (1797-1848)

Don Pasquale «Che interminabile andirivieni»

Georges Bizet (1838-1875)

Carmen «Les voici !»

Alexander Borodin (1833-1887)

Príncipe Igor «Danças polovtsianas»

Direção musical Antonio Pirolli

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Maestro titular Giampaolo Vessella

Orquestra Sinfónica Portuguesa



A Voz do Coletivo

No século XVIII, o coro ganha um novo ímpeto na ópera como voz do coletivo, personificando grupos diversos em distintas circunstâncias, protagonismo incontornável também ao longo do século XIX, época de todas as peças deste concerto.

«Voga, voga, il vento tace» é o coro inicial de *La straniera* de Bellini (1829) cantado em barcos pelos habitantes de Montolino, celebrando o casamento iminente de Isoletta e Arturo. É uma barcarola ligeira cuja letra alude a ventos favoráveis à navegação, embalando-nos na ideia de que tudo correrá bem, alternando vozes masculinas, femininas e em conjunto, entre uníssonos, desdobramentos e orquestração variada.

Em «Gli arredi festivi» no Ato I de *Nabucco* (1842), os hebreus refugiados da invasão babilónica no Templo de Salomão em Jerusalém dão voz às suas inquietações, numa peça multisseccionada iniciada aflitivamente em tons menores e vários acordes de 7.^a diminuta, sopros de metal, tímpanos e trémulos nas cordas. Sucedem-se um coro masculino em uníssonos e um coro de virgens por acordes em estilo calmo de oração, juntando-se todos no final, havendo mudanças de orquestração para criar atmosferas distintas.

Já «Si ridesti il Leon di Castiglia», do Ato III de *Ernani* (1844), dá voz ao juramento

dos *comuneros*, que planeiam matar Carlos, rei de Espanha. É um vigoroso coro patriótico de revoltosos decididos e evolui num crescendo orquestral pujante. «Nascida no meio da Serra» e «Coro das Fiandeiras» integram a ópera *Serrana* de Alfredo Keil (1899). O primeiro coro do Ato I, de perfil popular, alude à profundidade do amor das serranas, incluindo Zabel e cantadeiras, juntando depois os homens da Malhada num texto sobre a festa iminente. O segundo é apenas com Zabel e as fiandeiras, reunidas ao serão a fiar, em forma estrófica, com as estrofes divididas em duas secções: uma, lírica e em modo menor, sobre o ato embalado e meditativo de fiar e fazer; outra, em modo maior e mais agitada, louva o trabalho em detrimento dos homens que distraem.

O navio fantasma (1843) foi a ópera que estabeleceu Wagner como compositor. Na Abertura, única peça instrumental deste concerto, são introduzidos os principais *Leitmotive*, associados a personagens, eventos ou objetos, que se ouvirão recorrentemente ao longo da obra a cada

evocação sua ou presença em cena, destacando-se os da tempestade/mar agitado, do Holandês, ou do apaixonado de Senta. Já no Ato II de *Tannhäuser* (1845), está iminente um concurso de canções dos Minnesinger no salão nobre do Castelo de Wartburg. Os cavaleiros e as damas convidados vão chegando ao som de música de tipo processional e saúdam o *landgrave* com o solene coro festivo «Freudig begrüßen wir», enquanto se sentam, alternando vozes masculinas e femininas ou em conjunto, homorrítmica ou contrapontisticamente enquanto a orquestração varia.

Verdi reviu *Macbeth* (1847) em 1865 para Paris com, entre outros aspetos, uma nova versão de «Patria oppressa»: abrindo o Ato IV, um grupo de refugiados escoceses lamenta-se do caos lançado pelo usurpador sanguinário num eloquente hino de desterrados. Aos tons fúnebres, modo menor, sopros de metal, rufar de tímpanos e *pizzicati* misteriosos, segue-se uma homorrítmica coral lamentosa a evocar um hino sacro. O coro vai em crescendo em altura e dinâmica, passando a antifonia de vozes e secções em contraponto ao compasso, até terminar com a desconsolada e lacónica frase inicial. Já em 1879, Verdi considerou compor uma versão de *Otello*, só concluída em 1887. No Ato I, após uma tempestade, uma multidão celebra com bebidas e uma grande fogueira o regresso a salvo de Otello e da sua tripulação em «Fuoco di gioia». O contraponto, a figuração e a escrita, às vezes de tipo mosaico com alternância entre naipes e instrumentos, sugerem a oscilação e o crepitar do fogo que aquece e ilumina, mas depressa se apaga, pressagiando a tragédia futura.

Único coro de uma ópera cómica neste concerto, «Che interminabile andirivieni» é cantado pelos serviçais de Don Pasquale no Ato III, que mexericam sobre as peripécias que envolvem o patrão, a noiva e o sobrinho, e o rodopio incessante em casa, que não lhes dá paz. Divide-se em duas secções: *Alllegro* em quaternário e uma valsa, usando onomatopeias e vocábulos que pedem secretismo.

Quanto a «Les voici», é o coro do Ato IV de *Carmen* de Bizet (1875): a multidão descreve excitadamente o desfile das figuras públicas e dos participantes na tourada. O coro é enquadrado por dois temas do prelúdio, o da Corrida e o de Escamillo, e a alegria e a festa realçam o drama da morte de Carmen por D. José.

No Ato II de *Príncipe Igor* de Borodin (estreada em 1890), está a sua parte mais famosa, «Danças polovtsianas». Igor está cativo do polovtsiano Kontchak, assistindo a uma longa sequência de várias danças, por vezes acompanhadas pelo coro na tradição da *Grand Opéra* francesa. Destaque-se o contraste entre o melancólico e o marcial, o uso de um estilo exótico com melismas vocais, cromatismo, 2^{as} aumentadas, instrumentos de palheta dupla e outros significantes associados à música asiática, encerrando esplendidamente este programa.

Bárbara Villalobos
Musicóloga



© BRUNO SIMÃO

Antonio Pirolli

*Direção musical e Maestro titular
da Orquestra Sinfónica Portuguesa*

Natural de Roma, licenciou-se em piano, composição, música coral e direção de orquestra na Academia de Santa Cecília. Aperfeiçoou-se com Zoltán Peskó, Vladimir Delman e Rudolf Barshai, tendo conseguido o 3.º prémio no Concurso Arturo Toscanini de Parma. De 1995 a 2001, foi diretor musical no Teatro de Ópera de Ancara, ocupando, de 2001 a 2005, o mesmo cargo na Ópera Estatal de Istambul. Dos compromissos passados e mais recentes, destacam-se: *Lucia di Lammermoor* em Buenos Aires e Bari; *La Gioconda* em Santander; *Andrea Chénier* em Berlim e na Catânia; *Macbeth* em Lisboa; *Aida* em Copenhaga e Caracalla; *Il trovatore*, *Anna Bolena* e *Ernani* na Catânia; *Tosca* em Florença e Bari; *Turandot* em Copenhaga, Verona e Catânia; *Aroldo* em Bilbao; *Il barbiere di Siviglia* em Tóquio, Valência e Verona; *Carmen* em Copenhaga e Avenches; *Faust* em Tóquio e Santander; *Un ballo in maschera* em Salerno e Lisboa; *Madama Butterfly* em Ancona; *Medea* no circuito As.Li.Co.; *Norma* em Trapani e Spalato; *Attila* em Lecce e Roma; *Otello* em Lisboa; *Manon Lescaut* em Torre del Lago; *Nabucco* em Caracalla e Lisboa; *Rigoletto* em Tóquio; *Falstaff* em Xangai; e *La forza del destino* em Lisboa. Atualmente, é maestro titular da Orquestra Sinfónica Portuguesa.



© BRUNO FRANGO

Giampaolo Vessella

Maestro titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos

É, desde janeiro de 2021, maestro titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos. Estudou trombone, composição, música coral e direção coral no Conservatório de Música Giuseppe Verdi, em Milão. De 2016 a janeiro de 2021, foi maestro do Coro da Devlet Opera ve Balesi de Ancara e, de 2018 a janeiro de 2021, desempenhou as funções de orientador vocal do Coro da Rádio e Televisão da Turquia. Simultaneamente à sua carreira como barítono solista, prosseguiu a atividade como maestro de coro, a partir de 1993, quando criou o Schola Cantorum «Cantate Domino» de Carbonate (Itália). Em 1996, fundou o Coro «Euphonia», em Carbonate, do qual foi diretor artístico e orientador vocal. O Coro «Euphonia» foi levado à descoberta do mundo da ópera, tendo interpretado, ao longo dos anos, os mais importantes títulos do repertório melodramático. De janeiro de 2002 a 2016, dirigiu o Coro Lirico dell'Associazione Musicale Calauce de Calolziocorte (Itália). De 2006 a 2016, dirigiu o coro lírico «Corale Arnatese» e, de setembro de 2012 a 2015, foi o maestro do Coro Operístico de Mendrisio (Suíça). Em 2015, fundou o Coro Sinfónico Ticino. Durante vários anos, lecionou técnica, pedagogia e didatismo de canto para maestros de coro, em cursos organizados pela Unione Società Corali Italiane, da qual foi membro do Comité Artístico. Como *freelancer*, é regularmente convidado, por *ensembles* e coros, a orientar *masterclasses* e cursos de canto, tanto em Itália como no resto do mundo.



© SUSANA CHICÓ

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

O Coro do Teatro Nacional de São Carlos, criado em 1943 sob a titularidade de Mario Pellegrini, tem atuado sob a direção de importantes maestros (Pedro de Freitas Branco, Votto, Serafin, Gui, Giulini, Klemperer, Zedda, Solti, Santi, Rescigno, Navarro, Rennert, Burgos, Conlon, Christophers, Plasson, Minkowski, entre outros) e colaborado com marcantes encenadores (Pountney, Carsen, Vick). Entre 1962 e 1975, o Coro colaborou nas temporadas da Companhia Portuguesa de Ópera (Teatro da Trindade), tendo-se deslocado com a mesma à Madeira, aos Açores, a Angola e a Oviedo. O conjunto tem regularmente abordado o repertório de compositores nacionais (Alfredo Keil, Augusto Machado) e tem participado em estreias mundiais de óperas de Fernando Lopes-Graça, António Victorino d'Almeida, António Chagas Rosa e Nuno Côrte-Real. Em 1980, formou-se um primeiro núcleo coral a tempo inteiro e, três anos depois, assumiu-se a profissionalização plena, sob a direção de Antonio Brainovitch. A partir de 1985, a afirmação artística do conjunto foi creditada a Gianni Beltrami, e o titular seguinte foi João Paulo Santos. Sob a responsabilidade destes dois maestros, o Coro registou assinaláveis êxitos internacionais: *Grande messe des morts* de Berlioz (1989 – Turim); *Requiem* de Verdi (1991 – Bruxelas) e *Concerto Henze/Corghi* (1997 – Festival de Granada). Giovanni Andreoli assumiu o cargo em 2004. Sob a sua direção, o Coro averbou êxitos num vasto e variado repertório. Em 2005, o Coro foi convidado pela Ópera de Génova para participar em récitas da ópera *Billy Budd* de Britten, convite que se repetiu em 2015. Giampaolo Vessella é o maestro titular desde janeiro de 2021.



© SUSANA CHICÓ

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e da participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008- 2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.





Vincenzo Bellini



La straniera

Voga, voga, il vento tace...

CORO I DI UOMINI

*Voga, voga, il vento tace,
Splendon gli astri in cielo azzurro;
Sol con placido sussurro
Bacia i lidi il dolce umor.
Voga, voga: è l'alma pace
Messaggiere dell'amor.*

CORO I DI DONNE

*O Castel di Montolino,
Dell'amor già sei soggiorno;
Quando spunti il nuovo giorno,
Lo sarai d'Imene ancor.
Voga, voga: egli è vicino
Di due cori a fare un cor.*

CORO II DI UOMINI

*Lievi, lievi in sen del lago
Tuffan l'ali amiche aurette;
E la luna vi riflette
Il suo placido splendor.
Voga, voga: ella è l'immagine
D'innocente e casto ardor.*

CORO II DI DONNE

*A noi reca un'aura pura
L'olezzar del suol fiorente;
Al rumor della corrente
Mesce il lido il suo rumor.
Voga, voga: è la natura
Che si desta, e sente amor.*

Rema, rema, o vento está calmo...

CORO MASCULINO

*Rema, rema, o vento está calmo,
Os astros brilham no céu azul,
Com plácido sussurro
Um doce ânimo beija as margens.
Rema, rema: a alma tranquila
é mensageira do amor.*

CORO FEMININO

*Castelo de Montolino,
Em ti já habita o amor;
Quando despontar o novo dia
Serás também o abrigo de Himeneu.
Rema, rema: ele está prestes
a transformar dois corações num só.*

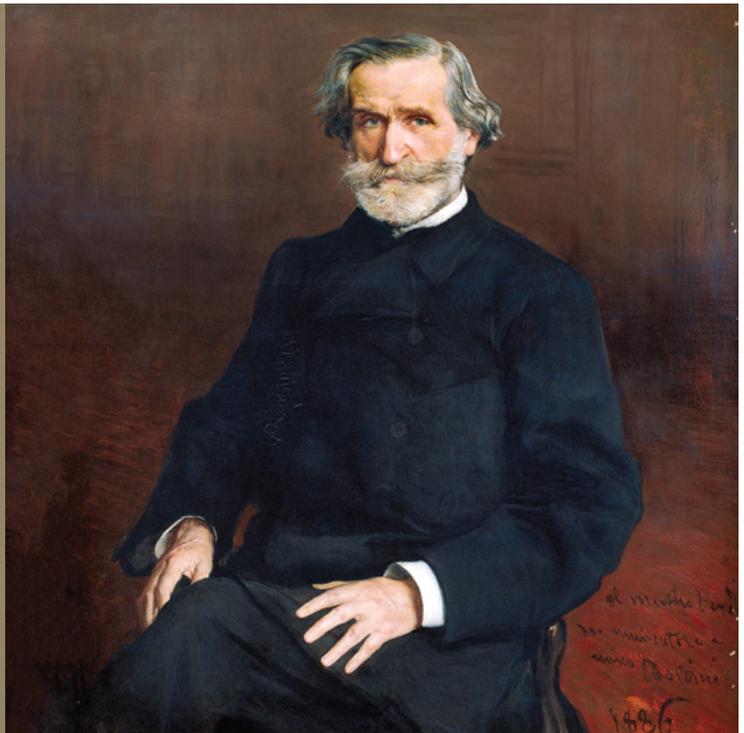
CORO MASCULINO

*Leves, no meio do lago
Mergulham as asas as brisas amigas;
E a lua ali reflete
O seu tranquilo brilho.
Rema, rema: ela é imagem
De uma inocente e casta paixão.*

CORO FEMININO

*Traz-nos uma brisa pura
O perfume do solo florido;
Ao rumor da corrente
Misturam as margens os seu ruídos.
Rema, rema: é a natureza
Que desperta e sente amor.*

Giuseppe Verdi



Nabucco

Gli arredi festivi

*Gli arredi festivi giù cadano infranti,
il popol di Giuda di lutto s'ammanti!
Ministro dell'ira del Nume sdegnato
il rege d'Assiria su noi già piombòl
Di barbare schiere l'atroce ululato
nel santo delùbro del Nume tuonò!
I candidi veli, fanciulle, squarciate,
le supplici braccia gridando levate;
d'un labbro innocente la viva preghiera
è dolce profumo che sale al Signor.
Pregate, fanciulle!... In voi della fiera
falange nemica s'acqueti il furor!
Gran Nume,
che voli sull'ale dei venti,
che il folgor sprigioni dai nemi frementi,
disperdi, distruggi d'Assiria le schiere,
di David la figlia ritorna al gioir!
Peccammo!... Ma in cielo le nostre preghiere
ottengan pietade, perdono al fallir!...
Deh! L'empio non gridi, con baldo blasfema:
Il Dio d'Israello si cela per tema?
Non far che i tuoi figli divengano preda
d'un folle che sprezza l'eterno poter!
Non far che sul trono davidico sieda
fra l'idoli stolti l'assiro stranier!*

Ernani

Sì ridesti il Leon di Castiglia

*Sì ridesti il Leon di Castiglia
E d'Iberia ogni monte, ogni lito
Eco formi al tremendo ruggito,
Come un di contro i Mori
Oppressor.
Siamo tutti una sola famiglia,
Pugnerem colle braccia, co'petti;
Schiavi inulti più a lungo e negletti
Non saremo finch'èr vita abbia il cor.
Morte colga o n'arrida vittoria,
Pugnerem, ed il sangue de'spentì
Nuovo ardir ai figliuolui viventi,
Forze nuove al pugnare darà.
Sorga alfine radiante di gloria,
Sorga un giorno a brillare su noi...
sarà Iberia feconda d'eroi,
dal servaggio redenta sarà.*

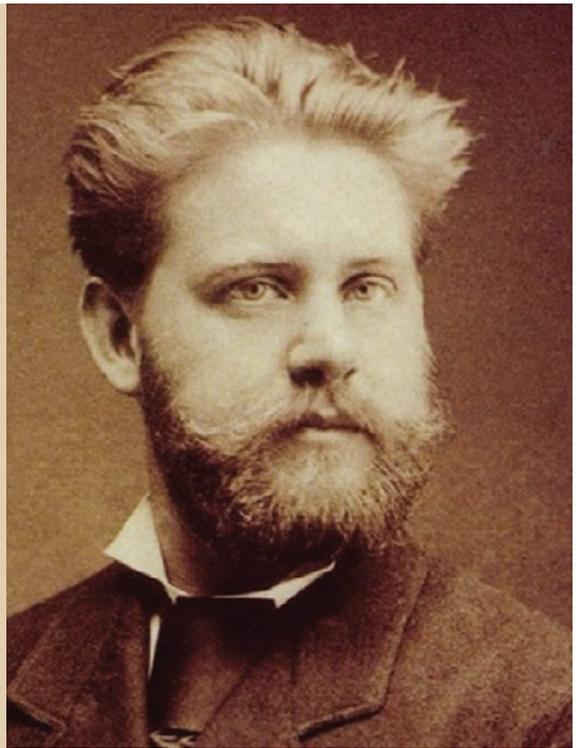
Destruí todos os adornos festivos

Destruí todos os adornos festivos,
que o povo de Judá se vista de luto!
Ministro da ira de um deus,
o rei da Assíria abateu-se sobre nós!
Os terríveis vivos das bárbaras legiões
ressoaram no sagrado templo de Deus!
Virgens, rasgai os cândidos véus,
erguei os vossos braços suplicantes.
A oração de lábios inocentes
é um agradável aroma ao Senhor!
Orai, virgens, e que as vossas preces
possam dizimar as legiões do inimigo!
Deus Todo-Poderoso,
tu que voas nas asas do vento
e libertas o relâmpago da nuvem fremente,
dispersa e destrói as legiões da Assíria
e que a filha de David volte a rejubilar!
Pecámos! Mas que às nossas preces
seja concedido o perdão!
Que os ímpios não blasfemem e gritem:
Será que o Deus de Israel se esconde de medo?
Não deixes que os teus filhos
caiam nas mãos de um louco
que despreza a tua força eterna!
Não permitas que o inimigo assírio
se sente entre os seus falsos ídolos
no trono de David!

Reerga-se o Leão de Castela

Reerga-se o Leão de Castela
E que todas as terras e montes da Ibéria
Façam ecoar o seu tremendo rugido,
Como já fizeram contra os mouros
Opressores.
Somos todos uma única família,
Lutaremos com todas as nossas forças;
Enquanto nos bater o coração
Não seremos oprimidos ou esquecidos.
Quer venha a morte ou a vitória,
Lutaremos, o sangue dos caídos
Dará nova coragem aos filhos vivos
E trará renovadas forças aos punhais.
Erga-se por fim radioso de glória
Erga-se e brilhe sobre nós...
A Ibéria será fecundada de heróis
E será libertada da servidão.

Alfredo Keil



Serrana

Coro das fiandeiras

Para fazerem um manto
À Senhora do Pilar,
Os anjos em rocas de ouro
Fiam raios, raios de luar.
Fia, fiandeira,
O teu alvo linho,
Não te fies nos homens
Que dão mau caminho.
O manto já estava pronto,
Faltava só enfeitar;
Os botões eram de estrelas,
A renda espuma, espuma do mar.
Fia, fiandeira,
Nessa linda roca;
Não te fies no amante,
Que te beija a boca, ah!
Noite fechada quase!
Companheiras, dai por finda a tarefa,
Que é já tarde!

Nascida no meio da serra

AS CANTADEIRAS
Nascida no meio da serra,
É mais resistente a flor,
E no peito das serranas
Tem mais raízes o amor.

OS HOMENS e mais POVO
Folgar sem medo, rapazes!
Folgar, folgar, camponesas!
É hoje dia de festa,
Amanhã virão tristezas.

Richard Wagner



Tannhäuser

Freudig begrüßen wir

RITTER UND EDLEN

*Freudig begrüßen wir die edle Halle,
wo Kunst und Frieden immer nur verweil',
wo lange noch der frohe Ruf erschalle:
Thüringens Fürsten, Landgraf Hermann,
Heil!
Heil! Heil! Thüringens Fürsten Heil!
Der holden Kunst Beschützer, Heil! Heil! Heil!*

Saudemos jubilosamente...

CAVALEIROS E DAMAS

Saudamos jubilosamente... esta nobre sala onde sempre habitam a arte e a harmonia; que por muito tempo ressoe a saudação: Nobres da Turíngia e landegrave Hermann, salvé!
Salvé! Salvé! Príncipes da Turíngia. Salvé!
Protetor das nobres artes, salvé!

Giuseppe Verdi



Macbeth

Patria oppressa

*Patria oppressa!
Patria oppressa! Il dolce nome
No, di madre aver non puoi,
Or che tutta a'figli tuoi
Sei conversa in un avel.
D'orfanelli e di piangenti
Chi lo sposo e chi la prole
Al venir del nuovo Sole
S'alza un grido e fere il Ciel.
A quel grido il Ciel risponde
Quasi voglia impietosito
Propagar per l'infinito,
Patria oppressa, il tuo dolor!
Suona a morto ognor la squilla,
Ma nessuno audace è tanto
Che pur doni un vano pianto
A chi soffre ed a chi muor.
Nessun dona un vano pianto
A chi soffre ed a chi muor!
Patria oppressa! Patria oppressa!
Patria mia! Oh patria!*

Otello

Fuoco di gioia

*Fuoco di gioia, l'ilare vampa
fuga la notte con suo splendor.
Giuzza, sfavilla, crepita, avvampa
fulgido incendio che invade il cor.
Dal raggio attratti vaghi sembianti
movono intorno mutando stool,
e son fanciulle dai lieti canti,
e son farfalle dall'igneo vol.
Arde la palma col sicomoro,
canta la sposa com suo fedel;
sull'aurea fiamma, sul lieto coro
soffia l'ardente spiro del ciel.
Fuoco di gioia, rapido brilla!
Rapido passa, fuoco d'amor!
Splende, s'oscura, palpita, oscila,
l'ultimo quizzo, lampeggia e muor.*

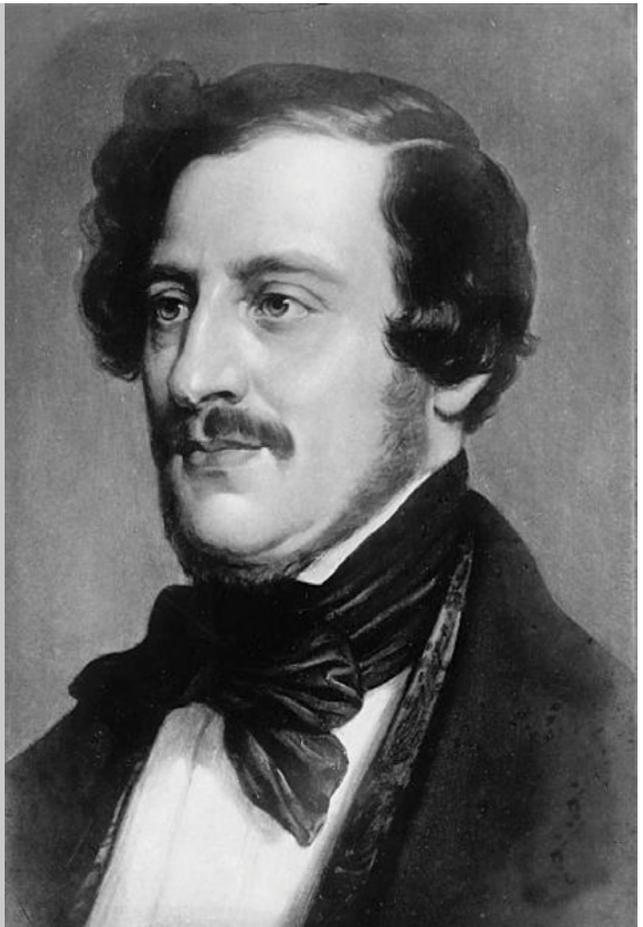
Pátria oprimida

*Pátria oprimida!
Pátria oprimida! Não posso dar-te
O doce nome de mãe,
Pois que agora te converteste
Num túmulo para todos os teus filhos.
Dos órfãos, e dos que choram
O esposo e a sua prole,
Ergue-se um grito que fere os céus
Com o nascer de um novo Sol.
A esse grito o céu responde
Como se, apiedado,
Quisesse propagar pelo infinito,
A tua dor, pátria oprimida.
O sino toca sempre a finados,
Mas ninguém é audaz o bastante
Que ouse derramar um inútil pranto
Por quem sofre e por quem morre.
Ninguém derrama um inútil pranto
Por quem sofre e por quem morre.
Pátria oprimida! Pátria oprimida!
Pátria minha! Oh pátria!*

Fogo da alegria

*Fogo da alegria, o teu alegre crepitar
faz fugir a noite com o seu brilho.
Cintila, resplandece, crepita, flameja,
fúlgido incêndio que invade o coração.
Atraídos pela luz rostos indistintos
agitam-se em seu redor em bandos inconstantes,
e são raparigas com alegres cantos,
e são borboletas em voo ígneo.
Arde a palma com o sicómoro,
canta a esposa com o seu marido fiel,
sobre a áurea chama, sobre os alegres coros,
sopra a ardente respiração do céu.
O fogo da alegria brilha rapidamente!
O fogo do amor extingue-se rapidamente!
Resplandece, escurece, palpita, hesita,
e com uma última cintilação relampeja e morre.*

Gaetano Donizetti



Don Pasquale

Che interminabile andirivieni

SERVI

*Che interminabile andirivieni!
Non posso reggere, rotte ho le reni,
tin, tin di qua, ton, ton di là,
in pace un attimo giammai si sta.
Ma... casa buona, montata in grande.
Si spende e spande; c'è da scialar.
Finito il pranzo vi furon scene.
Comincian presto. Contate un po'.
Dice il marito «Restar conviene.»
Dice la sposa «Sortir io vo'.»
Il vecchio sbuffa, segue baruffa.
Ma la sposina l'ha da spuntar.
V'è un nipotino guastamestieri,
che tiene il vecchio sopra pensieri.
La padroncina è tutto fuoco.
Par che il marito lo conti poco.
Zitti, prudenza, alcuno viene!
Si starà bene, c'è da scialar.*

TRADUÇÃO: JORGE RODRIGUES

Que interminável lufa-lufa

CRIADOS

Que interminável lufa-lufa!
Não aguento, tenho os rins doridos,
tin, tin daqui, ton, ton dali,
não há um momento de descanso.
Mas... a casa é boa, ricamente fornecida,
Aqui gasta-se à vontade.
Depois do jantar houve uma cena.
Começam cedo. Contai.
O marido dizia: «É melhor ficares»
A esposa dizia: «Eu quero sair»
O velho bufou. Seguiu-se discussão.
A rapariga levará a sua avante.
Há um sobrinho que é um encrenqueiro,
Que põe o velho em preocupações.
A patroazinha tem um temperamento!
Para ela, o marido parece contar pouco.
Calados, cuidado, chega alguém!
Tudo estará bem. Aqui gasta-se à vontade.

Georges Bizet



Carmen

Les voici !

*Les voici ! Voici la quadrille !
La quadrille des toréros !
Sur les lances le soleil brille !
En air toques et sombreros !
Les voici ! Voici la quadrille ,
la quadrille des toréros !
Voici, débouchant sur la place,
voici d'abord, marchant au pas,
l'aguazil à vilaine face !
À bas ! À bas ! À bas ! À bas !
Et puis saluons au passage,
saluons les hardis chulos !
Bravo ! Viva ! Gloire au courage !
Voici les hardis chulos !
Voyez les banderilleros !
Voyez quel air de crânerie !
Voyez ! Voyez ! Voyez ! Voyez !
Quel regards, et de quel éclat
étincelle la broderie
de leur costume de combat !
Voici les banderilleros !
Une autre quadrille s'avance !
Voyez les picadors ! Comme ils sont beaux !
Comme ils vont du fer de leur lance,
harceler les flancs des taureaux !
L'Espada ! Escamillo !
C'est l'Espada, la fine lame,
celui qui vient terminer tout,
qui paraît à la fin du drame
et qui frappe le dernier coup !
Vive Escamillo ! Ah bravo !
Les voici ! Voici la quadrille ! etc.*

Ei-los!

Ei-los! Ei-los! Eis a *cuadrilla*! Ei-los! Ei-los!
Eis a *cuadrilla* dos *toréros*!
O sol brilha nas lanças!
No ar, capas e *sombreros*!
Ei-los! Eis a *cuadrilla*,
a *cuadrilla* dos *toréros*!
Eis surgindo na praça,
a marchar primeiro,
o aguazil de cara má!
Fora! Fora! Abaixo com ele!
E depois saudemos a passagem
dos corajosos *chulos*!
Bravo! Viva! Glória à coragem!
Vejam os *chulos* corajosos!
Vejam os *banderilleros*,
reparem no seu ar fanfarrão!
Vejam! Vejam! Que olhares!
E como brilham
os bordados dos seus trajes de luz!
Vejam! Vejam! Eis os *banderilleros*!
Avança outra *cuadrilla*!
Vejam os *picadors*! Ah! Que belos!
A ponta das suas lanças
irá picar o flanco dos touros!
O Espada! Escamillo!
É o Espada, a fina lâmina,
aquele que vem terminar tudo,
é quem surge no final do drama
e desfere o último golpe!
Viva Escamillo! Viva!
Ei-los! Ei-los! Eis a *cuadrilla*!

Alexander Borodin



Príncipe Igor

Danças polovtsianas

Voa, canção, sobre as asas do vento
para a terra natal, nossa querida canção.
Lá te cantávamos livremente,
lá vivíamos à vontade contigo.
Lá, debaixo do céu ardente,
o ar está cheio de doçura,
embaladas com o canto do mar,
dormem as montanhas envoltas nas nuvens.
Lá o sol é resplandecente,
iluminando as nossas queridas colinas;
onde esplêndidas rosas florescem nos vales,
e os rouxinóis cantam nos bosques verdes,
e as uvas doces amadurecem.
Lá, nossa canção, sentes-te em casa,
Voa para lá.
Cantemos a glória do nosso khan!
Glória à força e à honra do khan!
Igual ao sol
é a glória do khan!
Não há glória igual à do nosso khan! Não há!
Cantem, escravas, a glória do khan!
Glória à sua generosidade e à sua misericórdia!
Glória!
É temido pelos inimigos!
Quem pode igualar a glória do nosso khan, quem?



BRUNO SIMÃO



© SUSANA CHICO



Com o encerramento ao público do Teatro Nacional de São Carlos para obras de Conservação e Restauro, Requalificação e Modernização no âmbito do PRR — Plano de Recuperação e Resiliência, a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos sobem a outros palcos nacionais. Uma viagem musical que percorrerá o país ao longo dos próximos meses, com a ambição e o rigor de sempre, e o objetivo de divulgar a música, a ópera e o património musical português.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO OPART

Conceição Amaral · *Presidente*

Rui Morais · *Vogal*

Sofia Menses · *Vogal*

COMISSÃO ARTÍSTICA DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Maestro João Paulo Santos · *Coordenação*

Maestro Antonio Pirolli

Maestro Giampaolo Vessella

PARCEIROS DA VIAGEM *GRANDES COROS DE ÓPERA*



A viagem começa agora.



Venha connosco!

© CARLOS PINTO

PORTO · PENAFIEL · TORRES NOVAS
CALDAS DA RAINHA · ALVERCA · MAFRA
SINTRA · QUELUZ · LISBOA · MONTIJO

DE SETEMBRO A DEZEMBRO